



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

ADENILSA DA SILVA

**ANÁLISE DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DA DISCIPLINA DE
GEOGRAFIA NA ESCOLA MUNICIPAL DE BARAÚNA – PB**

CAMPINA GRANDE – PB

2016

ADENILSA DA SILVA

**ANÁLISE DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DA DISCIPLINA DE
GEOGRAFIA NA ESCOLA MUNICIPAL DE BARAÚNA – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo –
apresentado ao Curso de Graduação de
Licenciatura Plena em Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Joana d’Arc Araújo
Ferreira

CAMPINA GRANDE - PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586a Silva, Adenilsa da
Análise do processo ensino-aprendizagem da disciplina de geografia na escola municipal de Baraúna - PB [manuscrito] / Adenilsa da Silva. - 2016.
33 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Joana d'Arc Araújo Ferreira, Departamento de Geografia".

1. Ensino de geografia. 2. Aprendizagem. 3. Ensino fundamental. I. Título.

21. ed. CDD 372.891

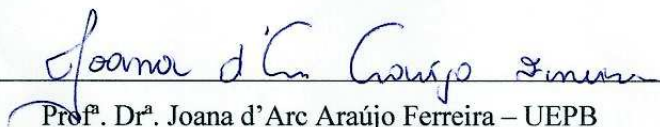
ADENILSA DA SILVA

**ANÁLISE DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DA DISCIPLINA DE
GEOGRAFIA NA ESCOLA MUNICIPAL DE BARAÚNA – PB**

Aprovado em: 18 / 05 / 2016

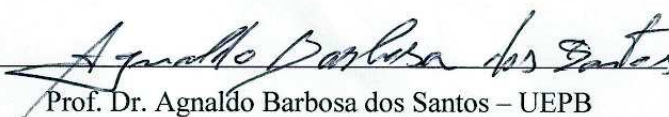
Nota: _____

BANCA EXAMINADORA:



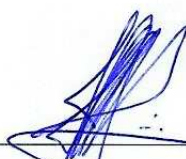
Prof.^a Dr.^a Joana d'Arc Araújo Ferreira – UEPB

Orientadora



Prof. Dr. Agnaldo Barbosa dos Santos – UEPB

Examinador



Prof. Ms. Hélió de Oliveira Nascimento – UEPB

Examinador

CAMPINA GRANDE – PB

2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, por sempre está comigo, em todos os momentos, bons ou ruins, que em meio há tantas dificuldades me deu forças para prosseguir. Por tudo, pois sem Ele nada disso seria possível.

A minha filha, Évellyn Yasmin, que apesar de ter apenas 1 ano e 10 meses de idade, me inspira, que com seu sorriso e seu carinho, motiva e encoraja a continuar. Que preencheu minha vida de felicidade e amor, sendo tão especial e essencial para meu viver.

A minha mãe e primeira professora, Nevinha, pelo amor, dedicação e incentivo. Por cuidar tão bem da minha filha quando precisei (e preciso) me ausentar, pelo apoio emocional e financeiro para que pudesse concluir meus estudos.

Ao meu pai, Marcos, pelo amor, dedicação e carinho, por me apoiar e incentivar nessa longa caminhada.

Aos meus irmãos, Aline e Aldemir, por sempre estarem dispostos a me ajudar nas diversas situações e dificuldades encontradas, fazendo-me acreditar que eu poderia vencer.

Ao meu esposo, Daniel, pela compreensão e paciência, por sempre estar ao meu lado.

As minhas tias, Socorro e Lourdes, minha avó, Josefa e Nan pelos cuidados com minha filha em minha ausência.

A minha avó Odaci, tia Corrinha, tio Renato e a prima Maria Eduarda pela generosidade de me acolherem, de forma cordial, em sua casa todas as vezes que necessitei.

Aos meus sogros, Fazinha e Zezinho, a minha cunhada, Fátima, pelo apoio e incentivo.

A todos familiares que contribuíram de alguma forma para essa conquista.

As amizades que construí durante minha formação, que serão sempre guardadas: Mayza, Esteliana, Verônica Avelino e Geane, que me incentivaram e tanto contribuíram para minha formação, com paciência e atenção. Agora, vamos colher juntas os frutos de nosso empenho e dedicação. E aos demais colegas de sala.

A Daiany Pinheiro, Vandeson, João Adriano, Érico, Joseane, Caline, Bruna Marinho, Eudilene e Janaína, que tornaram mais divertidas as cansativas viagens diárias, de Baraúna a Campina Grande. E aos motoristas do município que nos conduziam e aqueles de municípios vizinhos que nos deram carona quando precisamos.

A todos os professores ao longo de minha jornada escolar, os quais foram a base dessa conquista e aos colegas de trabalho da E. E. E. M. P. Severino Pereira Gomes. Ao diretor Uziel, os alunos do 9º Ano que responderam o questionário e o professor de Geografia da E.

M. E. F. Felipe Rodrigues de Lima que disponibilizaram um pouco de seu tempo para contribuírem com minha pesquisa.

A minha orientadora Joana d'Arc Araújo Ferreira por sua importante contribuição para o desenvolvimento desse trabalho juntamente a banca examinadora formada por Agnaldo Barbosa dos Santos e Hélio de Oliveira Nascimento. Igualmente, a todos os professores do curso de Geografia da UEPB que dedicaram seu tempo e sua sabedoria na minha formação acadêmica, em especial a: Daniel Campos, Hermes, Damião Carlos, Porto, Arthur Valverde, Marília, Margarida, Faustino Moura, João Damasceno e Alexandre. Bem como, a todos os funcionários, de todos os setores, pelos serviços prestados e a Universidade Estadual da Paraíba que me deu a oportunidade de ingressar e concretizar o ensino superior, promovendo meu crescimento intelectual e profissional.

Só tenho a agradecer a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para minha graduação, desculpando aqueles que não citei o nome, pois são muitos, mas não menos importantes, o meu muito obrigada. Que Deus abençoe e ilumine o caminho de cada um, vocês foram essenciais para a conclusão desta caminhada.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a Deus, minha fortaleza, meu porto seguro, meu refúgio e a razão de minha existência. Aquele que nunca me abandonou, em quem eu posso confiar, pois sei que estará sempre comigo, me ajudando a prosseguir, independente do que acontecer, por toda minha vida.

A minha filha Évellyn Yasmin, que me ensinou e me mostrou o verdadeiro significado do amor. Que tornou os meus dias mais felizes e a quem dedico minha formação para que no futuro sirva de incentivo para seus estudos e sua educação.

Aos meus pais, Marcos e Nevinha, que não mediram esforços para que eu pudesse estudar, pelo apoio afetivo e financeiro, por acreditarem que seria capaz de vencer. Igualmente, aos meus irmãos, Aline e Aldemir, e ao meu esposo, Daniel, pela paciência, por me incentivarem, por sempre me ajudarem quando necessitei.

Este trabalho não é só meu, mas de todos vocês, que me fizeram acreditar que valeria a pena e com quem quero compartilhar essa alegria depois de tanto cansaço e dificuldades, me ajudaram a vencer.

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível”.

Charles Chaplin

SILVA, Adenilsa da. **ANÁLISE DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA NA ESCOLA MUNICIPAL DE BARAÚNA – PB.** Artigo apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da UEPB. Campina Grande – PB, 2016.

RESUMO

A Geografia é uma ciência que permite a compreensão da sociedade e sua relação com a natureza. Enquanto disciplina, deve despertar no aluno a curiosidade de interpretar a realidade vivenciada relacionando ao conteúdo visto em sala de aula, de forma crítica e reflexiva. Nesta ótica, o presente artigo tem por finalidade analisar o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia em turmas do 9º Ano, no turno da tarde, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Felipe Rodrigues de Lima, Baraúna – PB. Ressaltam-se os possíveis fatores que levam ao desinteresse discente e o desafio docente em buscar meios que atendam as exigências do ensino contemporâneo, tornando-o mais atrativo e interessante. Para a realização da pesquisa, primeiramente, foi realizada uma revisão bibliográfica buscando um suporte teórico e, em seguida, foram aplicados questionários com doze alunos e o professor de Geografia correspondente. A análise dos dados levantados permitiu repensar sobre a relação entre professor e aluno, de modo que ambas as partes reflitam sobre seus papéis, obtendo resultados favoráveis para a educação. Assim, pode se adquirir novas alternativas para tornar o ensino inovador e mais proveitoso.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Ensino de Geografia. Desafios.

Silva, Adenilsa da. **ANALYSIS OF THE TEACHING AND LEARNING PROCESS ON THE DISCIPLINE OF GEOGRAPHY IN LOCAL SCHOOL OF BARAUNA, BARAUNA-PB.** Article presented in the Geography degree licentiate course from UEPB. Campina Grande – PB, 2016.

ABSTRACT

Geography is a science that allows the understanding about society and its relationship to nature. As a discipline, it must arouse curiosity of the student so that he interprets his reality, in relation to the subject taught in the classroom in a critical and reflexive way. From this perspective, this article aims at analysing how the teaching and learning process occurs in the Geography classes of 9th year, in the afternoons in Escola Municipal de Ensino Fundamental Felipe Rodrigues de Lima (Felipe Rodrigues de Lima Local Primary School), in Baraúna-PB. It is highlighted the possible factors that cause the student's lack of interest and the teacher's challenge in order to find means that satisfy the demands of the contemporary teaching, in addition to make it attractive and interesting. This research was done, at first, from a bibliographic revision to guarantee a theoretical background, and then some questionnaires were applied between twelve students and the Geography teacher. The data analysis allowed the reflection on the relationship between teacher and student, so that both of them think about their roles, in order to achieve results in favor of education. So, it can be acquired new alternatives to make the teaching innovative and most advantageous.

Key-Words: Teaching. Learning. Geography teaching. Challenges.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 Aspectos Históricos do Ensino de Geografia no Brasil	11
2.2 Processos de ensino e aprendizagem da Geografia	14
3 CARACTERIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DA E. M. E. F. FELIPE RODRIGUES DE LIMA, BARAÚNA – PB	18
4 ANÁLISE DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NAS AULAS DE GEOGRAFIA DO 9º ANO NA E. M. E. F. FELIPE RODRIGUES DE LIMA, BARAÚNA – PB	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29
APÊNDICES	30

1 INTRODUÇÃO

Em termos metodológicos, a relação professor-aluno na Geografia vem sendo motivo de debates e discussões, ganhando espaço em eventos e no meio acadêmico. A ideia é de que o ensino de Geografia seja voltado para despertar o senso crítico no aluno e não mais o incentive apenas a decorar o conteúdo, mas que o compreenda e assimile a sua realidade. Assim, nota-se que a Geografia passa por uma evolução, da tradicional para uma denominada Geografia Crítica, onde é necessário, não apenas conhecer os elementos que compõem o espaço geográfico, mas sim, analisá-los e compreendê-los. Tal fato vai exigir mais do professor, tido como o protagonista principal para o alcance do aprendizado do aluno, em saber se adaptar aos novos tempos e aprimorar sua maneira de lecionar, pois os alunos encontram-se cada vez mais desinteressados a assistirem aulas monótonas e desarticuladas ao meio em que estão inseridos.

Contudo, muitos costumes do ensino tradicional ainda permanecem na atualidade, seja pela não atualização da formação do professor ou por que o mesmo reproduz a forma como foi ensinado concordando que ainda é a melhor forma de se ensinar. Porém, esta prática pode tornar as aulas menos atrativas, pois não atendem as exigências do mundo contemporâneo e torna a aprendizagem, por vezes, insatisfatória.

Nesta ótica, o objetivo geral deste trabalho é analisar o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia em turmas do 9º Ano, do período vespertino, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Felipe Rodrigues de Lima, Baraúna – PB, ressaltando os possíveis fatores que levam ao desinteresse discente e o desafio docente em adequar sua metodologia a realidade vivenciada. Especificamente, identificar as prováveis causas da displicência dos alunos; investigar se as metodologias adotadas pelo professor atendem as perspectivas discentes, como o uso de novas tecnologias, e constatar se os mesmos gostam ou estão motivados a assistirem as aulas de Geografia. A análise da tal turma justifica-se pelo fato de estarem no último ano da segunda fase do ensino fundamental, representando uma fase de mudanças e novas perspectivas para a última etapa do ensino básico.

A pesquisa foi estruturada em três partes, a primeira, expõe os aspectos da construção do ensino de Geografia no Brasil em diferentes momentos, gerando uma reflexão sobre os objetos e métodos do fazer geográfico. Na segunda parte, aborda os avanços e desafios envolvidos no processo de ensino e aprendizagem da ciência geográfica. Na terceira parte, analisa e discute a metodologia de ensino e aprendizagem nas aulas de Geografia na turma do 9º Ano da E. M. E. F. Felipe Rodrigues de Lima, Baraúna – PB.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Aspectos Históricos do Ensino de Geografia no Brasil

Os primeiros ensaios para introduzir o ensino de geografia no Brasil remontam de meados do século XIX, quando passou a fazer parte da grade curricular do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro, sendo esta uma disciplina meramente descritiva e decorativa, lecionada apenas nas escolas secundárias (Ensino Médio), junto ao ensino de História, formando a disciplina de Estudos Sociais. Vlach (2004, p. 189) aponta que:

A presença do ensino de Geografia na distribuição das disciplinas que compõem a estrutura curricular do Colégio Pedro II é extremamente importante, na medida em que essa escola foi fundada tendo em vista a definição de um padrão do e para o ensino secundário em todo país. No fundo, esse objetivo não foi atendido, pois o ensino secundário era apenas um trampolim para o acesso aos cursos superiores.

Nesse caso, Geografia e História eram disciplinas básicas para o ingresso em cursos superiores, como o de Direito, dotadas de cunho político e de patriotismo, bem como de interesse a classe dominante. Porém, o ensino de Geografia era tido como tradicional voltado para a observação e descrição dos aspectos naturais, como o relevo, a hidrografia, a vegetação, o clima, nomes de rios, enfim, conteúdos que incentivavam apenas a memorização e não a compreensão. Tal fato ainda persiste nos dias atuais, tornando o ensino da Geografia, um ensino superficial que não dar suporte ao aluno em refletir e compreender a importância da ciência geográfica no seu cotidiano. Não havia uma formação de professores para atuarem na área, sendo que a disciplina era ministrada por outros profissionais, como advogados e engenheiros.

De acordo com Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – (2001, p. 26), os Estudos Sociais substituíram a História e a Geografia com a Lei nº 5.692/71, no período do governo militar, e os seus conteúdos ganharam um sentido ideológico e nacionalista. A partir da década de 40, a Geografia passou a ser lecionada por professores da área, os quais eram formados nas faculdades de História e Geografia, presentes nas principais cidades do país, como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, sendo influenciada pela escola francesa de Vidal de La Blache, sendo que

Essa Geografia era marcada pela explicação objetiva e quantitativa da realidade que fundamentava a escola francesa de então. Foi essa escola que imprimiu ao pensamento geográfico o mito da ciência asséptica, não-politizada, com argumento da neutralidade do discurso científico. Tinha como meta abordar as relações do homem com a natureza de forma objetiva, buscando a formulação de leis gerais de interpretação. (BRASIL, 2001, p. 103)

A Geografia seria uma ciência voltada para a descrição do espaço, sem considerar as relações humanas existentes, até pela sua própria etimologia, resultando da junção dos termos gregos *Geo*, que significa Terra e, *graphos* que significa escrever, logo, a Geografia era definida como estudo da Terra, com o objetivo de descrever e analisar a variação dos fenômenos físicos e humanos na superfície terrestre. Porém, a partir da década de 60, essa prática começou a mudar e o ensino foi passando do tradicional para o ensino crítico, pois apenas descrever o meio não era mais suficiente, era necessário explicar e compreendê-lo. Assim, a Geografia passa a incorporar as relações entre a natureza e a sociedade, tendo o espaço geográfico como o centro de suas análises, fundamentando-se na “criticidade” e no “engajamento”, como afirma Vesentini (2004, p. 223):

[...] *Criticidade* entendida como uma leitura do real – isto é, do espaço geográfico – que não omita as suas tensões e contradições, tal como fazia e faz a geografia tradicional, que ajude a esclarecer a espacialidade das relações de poder e dominação. E *engajamento* visto como uma geografia não mais “neutra” e sim comprometida com a justiça social, com a correção das desigualdades socioeconômicas e das disparidades regionais.

Surge uma nova perspectiva para o ensino de Geografia, não só no Brasil, mas no mundo todo, a qual teria sido influenciada pelo novo tempo vivido, marcado pelas novas tecnologias, que seria o período da globalização marcada pela Revolução Técnico-Científica-Informacional.

Na atualidade, a Geografia vem sempre sendo debatida, repensada e discutida por estudiosos, em diversos eventos e mesas-redondas. Assim, a escola deve se inserir nesse contexto e está preparada para enfrentar os desafios do mundo atual, o qual sofre constantes mudanças e transformações em um ritmo cada vez mais acelerado, aproximando lugares e pessoas, criando uma rede de conexões. No Brasil, como em outras partes do mundo, o ensino de Geografia vem sendo reformulado, questionado e redefinido, na tentativa de construir um ensino que desperte no aluno a curiosidade pela compreensão do espaço em que vive, bem como as relações entre a sociedade e a natureza, objeto de estudo dessa ciência.

No final do século XX e início do século XXI, o ensino de Geografia passa do tradicional para uma prática inovadora, levando o aluno a se tornar um ser crítico e reflexivo de sua realidade. Com isso, surgem dúvidas e questionamentos sobre como ensinar a Geografia nesse novo tempo. Porém, não existe um consenso comum a todos os geógrafos sobre quais as melhores metodologias a serem utilizadas em sala de aula, estas devem ser diversificadas e adequadas a cada situação e depende do público a ser atendido. Contudo, algumas metodologias e práticas do dito tradicional ainda permanecem arraigadas nas escolas, não levando em consideração a conscientização dos educandos sobre o espaço geográfico.

De acordo com Castrogiovanni (2007), com o III Encontro Nacional de Geógrafos em Fortaleza, no ano de 1978, a Geografia passou a adotar o paradigma e o método de investigação da Geografia crítica, sendo assim denominada nos meios acadêmicos. O mesmo autor continua afirmando que “o espaço (re)nomeado como seu objeto de estudo, passa a ter concepção de totalidade, embora inicialmente rejeite a natureza enquanto dimensão do espaço geográfico”, ou seja, a Geografia deve ser estudada de forma total, envolvendo as relações sociais juntamente com as questões ambientais. Segundo Moraes (1999, p.126 *apud* Castrogiovanni, 2007, p.39):

A unidade da geografia crítica manifesta-se na postura de oposição a uma realidade social e espacial contraditória e injusta fazendo-se do conhecimento geográfico uma arma de combate à situação existente. Portanto, o caminho da geografia crítica é a busca da superação das desigualdades, pois a história do capitalismo leva à seletividade, estabelece uma divisão territorial e social do trabalho, diferencia e privilegia lugares. Para os “geógrafos críticos” é tal processo que deve ser objeto de preocupação na leitura do mundo, feita pela geografia.

Pode-se perceber a importância que a Geografia crítica tem, pois a partir de seu conhecimento, é possível despertar um novo olhar para o mundo, buscando minimizar as desigualdades sociais causadas pelo capitalismo, onde as classes sociais mais elevadas da sociedade são mais favorecidas enquanto que as classes mais baixas sobrevivem em condições precárias e são excluídas socialmente. Os professores das escolas públicas brasileiras enfrentam inúmeras dificuldades em seu cotidiano na sala de aula, como salas super lotadas, falta de recursos didáticos, baixa remuneração, carga horária excessiva, dentre outros, porém, Vesentini (2004, pp. 221-222) avalia o Brasil como um caso especial em relação ao ensino de Geografia, pois considera que:

[...] Por um lado, é um país no qual o professorado vê com inveja os melhores salários e condições de trabalho – equipamentos nas escolas, número de aulas por semana, número de alunos por sala, etc. – que existem em várias dezenas de outras sociedades nacionais; mas, por outro lado, é uma realidade vista com respeito por numerosos geógrafos-educadores de outros países que admiram [...] essa rica pluralidade que resultou na incorporação de temas e estratégias inovadores, que em determinados casos nunca foram tentados em outra parte do mundo.

Isso mostra que apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas pelo professor de Geografia no Brasil, este possui determinação, conseguindo se destacar não só dentro do próprio país, mas também mundialmente, buscando sempre melhorias e valorização para o seu trabalho a fim de tornar o ensino rico e inovador, através de diferentes estratégias e métodos. Na atualidade, o tradicionalismo na escola não é mais suficiente para atender as exigências do mundo contemporâneo, nem mesmo no Brasil. É preciso novas estratégias e metodologias para chamar a atenção do aluno que está cada vez mais “conectado” e menos interessado a assistir aulas rotineiras.

2.2 Processos de ensino e aprendizagem da Geografia

Quando se fala na questão do ensino-aprendizagem em Geografia gera sempre debates e discussões, seja no diálogo entre professores na própria escola ou mesmo em eventos que tratam dessa temática. O objetivo seria que o ensino de Geografia seja voltado para tornar o aluno um ser crítico da realidade vivenciada, sendo de responsabilidade do professor tornar essa prática real. Mizukami (1986, p. 75) aponta que “um ensino que procura desenvolver a inteligência deverá priorizar as atividades do sujeito, considerando-o inserido numa situação social”. Ou seja, o professor deve procurar saber sobre a realidade do aluno e ajudá-lo a desenvolver sua capacidade de assimilar e aprender os conteúdos apresentados, bem como, despertar sua curiosidade em buscar conhecimentos além da sala de aula.

O processo de ensino e aprendizagem não é uniforme, mas sim dinâmico, estando sempre se transformando ao longo do tempo, exigindo que o professor esteja sempre atento as mudanças e pronto a se deparar com várias situações e desafios que podem vir a ocorrer na sala de aula. São necessárias novas metodologias que ultrapassem os métodos mais tradicionais em que a prática se reduz a imitação ou reprodução de modelos, pois como afirma Pimenta,

A prática como imitação de modelos tem sido denominada por alguns autores “artesanal”, caracterizando o modo tradicional da atuação docente, ainda presente em nossos dias. O pressuposto dessa concepção é que a realidade do ensino é imutável e os alunos que frequentam a escola também o são. Idealmente concebidos, competiria à escola ensiná-los, segundo a tradição”. (PIMENTA, 2009, pp. 35-36)

Nessa perspectiva, ensinar seria apenas reproduzir práticas já existentes há muito tempo, um saber pronto e acabado, sem que o professor tenha a menor preocupação em buscar novos conhecimentos, novas táticas de ensino de acordo com a realidade momentânea. Bem como é essencial que haja o desenvolvimento de técnicas que estimulem a uma melhor produtividade do ensino, levando em consideração as particularidades de cada aluno e tentando saber um pouco sobre a realidade na qual o mesmo está inserido.

O ensino é algo em que o professor deve ser também pesquisador, buscando ampliar seus conhecimentos teóricos para então aplicá-los na prática da ação docente. A teoria e a prática são intrínsecas, não podendo ser tratadas de uma forma singular ou separadas, pois como aponta Pimenta (2009, p. 37) “a prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão podem reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou uma teoria desvinculada da prática”. No caso da Geografia, as aulas de campo seriam ideais para o aluno colocar em prática aquilo que viu na sala de aula, facilitando a leitura e a compreensão do

espaço geográfico e do meio em que vive, podendo estudar temas relacionados ao clima, vegetação, relevo e hidrografia, bem como as transformações humanas no espaço.

Nesse mesmo sentido, Libâneo (1994, p. 28) considera que “a formação profissional do professor implica, pois, uma contínua interpenetração entre teoria e prática, a teoria vinculada aos problemas reais postos pela experiência prática e ação prática orientada teoricamente”. Portanto, seria a prática orientada pela teoria e a teoria pela prática, de uma maneira a dirigir e melhorar o processo de ensino e aprendizagem. Da mesma forma continua que “o processo de ensino é uma atividade conjunta de professores e alunos, organizado sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilem ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções” (Ibidem, p. 29).

Portanto, o professor deve estar sempre adaptando suas metodologias para cada turma, fornecendo instrumentos na orientação das atividades dos discentes, considerando que haja uma aprendizagem significativa. Para tanto, deve haver sempre um planejamento prévio de suas ações, preparando-se para enfrentar os desafios impostos a cada dia no ato de ensinar.

Entre os diversos desafios enfrentados pelo professor, seja em Geografia ou em qualquer disciplina, num determinado tempo caracterizado pela rapidez da troca de informação, requer cada vez mais preparação da sociedade para tentar se situar e acompanhar esse processo e as circunstâncias hoje vivenciadas. É importante que professores e alunos repensem e reflitam sobre seus papéis na escola, dando um novo sentido para a educação.

Um dos principais problemas enfrentados na escola atual seria a falta de motivação, tanto por parte do professor, quanto pelo aluno, seja em Geografia ou nas demais disciplinas. A motivação é um componente básico a ser incluído no processo de ensino e aprendizagem. Mas, o que é motivar? Consta no dicionário Aurélio (2001) que motivar é despertar, incitar ou estimular o interesse por algo que iremos fazer. No que se refere à sala de aula, pode-se perceber que a partir do momento que se estimula o aluno, de forma positiva, a realizar suas atividades a aprendizagem surge de forma perceptível.

A relação entre motivação e aprendizagem é algo ainda bastante discutida, pois nem sempre basta estar motivado para que a aprendizagem ocorra. A base da motivação pode estar no objetivo a ser alcançado, ou seja, quando se almeja algo facilita sua conquista, na escola, seria alcançar o conhecimento, então para que isso aconteça ambas as partes, professores e alunos, devem ser estimulados e motivados. Puntel (2007, p. 89), afirma que:

Como educadores, podemos estimular, motivar, convencer os nossos educandos de que aprender é tão necessário quanto nutrir-se. No momento em que isso se tornar um hábito, a cada dia existirá a expectativa de descobrir e de sentir renovado como o novo, tarefa difícil que deve ser revigorada frequentemente por todos os educadores.

Portanto, o professor deve tentar sempre motivar seus alunos a se interessarem a buscar conhecimento, pois ao chegar à sala de aula se o mesmo se deparar com os educandos desmotivados pode afetar seu emocional e deixá-lo também desmotivado e sentindo-se impotente e preocupado, levando-o a refletir e se questionar sobre: o que está causando a falta de interesse em meus alunos? Minhas aulas estão sendo enfadonhas? Os alunos não querem mais estudar? O que devo fazer para tentar melhorar minha prática? Essas e outras podem ser algumas das dúvidas que ficam na mente do professor e cabe a este buscar novos meios para tornar o ensino inovador e que chame a atenção dos alunos, que muitas vezes em vez de prestarem atenção na aula, estão conectados as redes sociais, que para eles são mais interessantes do que as aulas. Mas, o que fazer para tornar a aula mais dinâmica?

Esta é uma questão difícil de ser respondida, pois nem sempre o que é "atraente" em uma sala é também em outras, ou seja, não existe uma metodologia universal, cada turma apresenta variadas personalidades, exigindo, assim, diferentes formas de ensinar. Com as novas tecnologias, muitas vezes, os alunos cobram que o professor as utilize, porém nem sempre o professor está capacitado a saber usá-las. Com isso, torna-se necessário que o poder público disponha para todas as escolas estes recursos, bem como cursos de capacitação dos professores para o uso de tecnologias em sala de aula, assim trazendo novas perspectivas para o processo de ensino e aprendizagem.

Nesse contexto, Farina e Guadagnin (2007, p. 111) chamam a atenção para alguns elementos que podem despertar os interesses dos alunos nas aulas de Geografia, como: filmes, por utilizarem linguagens de seu cotidiano, poesia e música, bem como as atividades práticas de campo. Esta última, tratam como uma das mais importantes, pois afirmam que:

Sair do ambiente escolar, por si só, gera um efeito geralmente positivo sobre o interesse dos alunos pelo conteúdo. Mas mais do que isso, atividades práticas fora do ambiente escolar são fundamentais no ensino de geografia, pois permitem ao professor a proposição de questões reais e de importância concreta para os alunos.

O trabalho de campo constitui uma metodologia para a compreensão de conteúdos como referentes à vegetação, a morfologia, aos solos, a climatologia, a hidrografia, aspectos econômicos, demográficos ou mesmo a urbanização. Assim, o professor pode estimular o aluno a aprender na prática e não ficar só no discurso teórico, em aulas expositivas e no âmbito escolar, facilitando a assimilação do conteúdo. Bem como, serve para mostrar que a Geografia é uma disciplina de extrema importância para o seu cotidiano, para entender o que ocorre no mundo e a realidade em que vive. Porém, nem sempre as escolas dão suporte para que sejam realizadas aulas campais, muitas vezes por falta de recursos financeiros e de

transportes, bem como o professor pode não ter uma boa preparação e se sentir incapacitado em realizá-las.

Durante a investigação se percebe uma outra questão na escola, de como lidar com o aluno portador de alguma deficiência, seja física ou mental. Constatando que nas escolas brasileiras faltam pessoas preparadas para atender esses alunos considerados “especiais, muito menos profissionais entendidos do assunto que possam auxiliar o professor na sala de aula. Além disso, muitas vezes, a estrutura física do espaço escolar também não ajuda, podendo até prejudicar a mobilidade e a aprendizagem do aluno. Cabe ao Poder Público responsável, que invista em capacitação dos docentes e na infraestrutura do prédio, para que assim possa ter uma educação inclusiva e que atenda a todos da mesma forma, com os mesmos objetivos e sem diferenças.

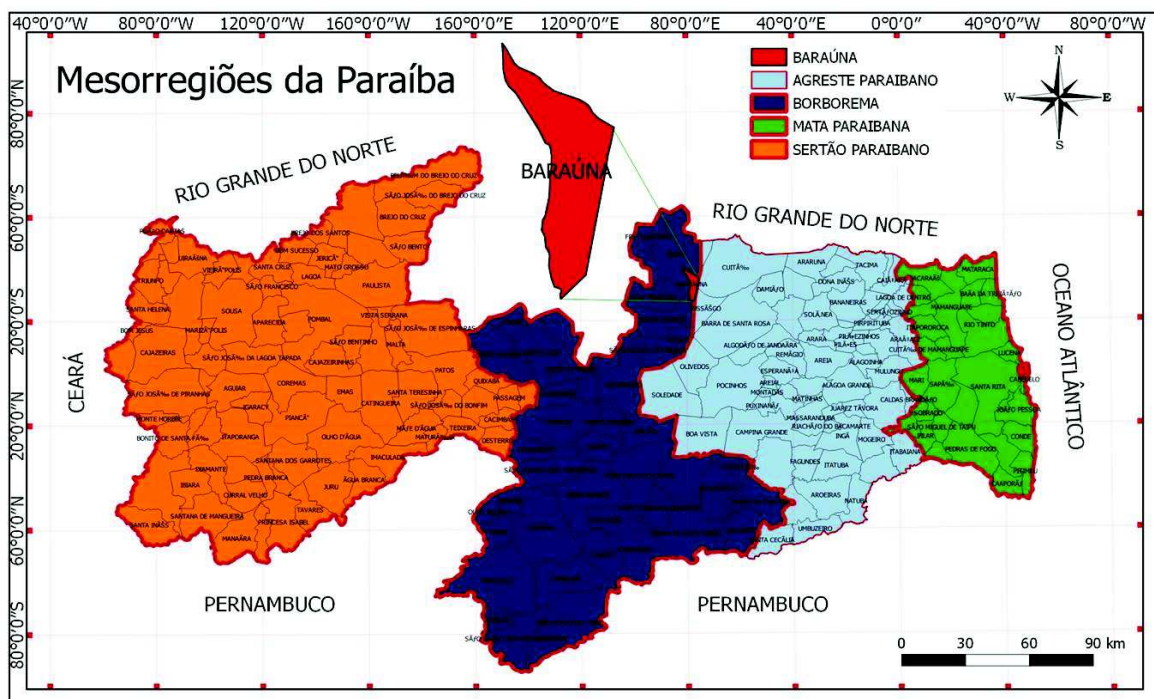
Outro desafio enfrentado pelo professor é a indisciplina do aluno na sala de aula, não só em Geografia, mas é uma questão multidisciplinar, motivo de vários debates entre os docentes. Este é um dos principais obstáculos na prática pedagógica e é um fator que pode tirar a culpa de só o professor ser sempre visto como o responsável pelo insucesso ou fracasso do aluno. As causas da indisciplina são diversas, como: a falta de motivação discente, por acharem as aulas chatas ou por apresentarem algum tipo de dificuldade de aprendizagem; a falta de planejamento do professor, que por vezes trabalha em mais de uma escola e “não tem tempo” de planejar suas aulas ou mesmo se sente desmotivado frente à indisciplina do aluno; o contexto familiar no qual ele está inserido, que pode ser desestruturado, influenciando no comportamento discente em sala de aula.

Nesse contexto, o que o professor pode fazer para tentar reverter à indisciplina? Em um tempo onde as redes sociais estão mais interessantes do que as aulas, é preciso repensar e inovar o ensino para tentar atrair a atenção e despertar o interesse dos alunos, para que estejam motivados e com vontade de aprender. Este é um dos maiores desafios docente em buscar novas metodologias, necessitando também do apoio e da contribuição de toda a comunidade escolar e da família, sendo esta última, a base para o começo de uma melhor educação, pois quando a família participa da vida escolar, apóia e incentiva o aluno a estudar, pode melhorar seu desempenho e a obterem resultados favoráveis.

3 CARACTERIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DA E. M. E. F. FELIPE RODRIGUES DE LIMA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Felipe Rodrigues de Lima é uma escola pública de dependência administrativa municipal, localizada na Rua Getúlio Vargas no Centro da cidade de Baraúna – PB, a qual está inserida na Mesorregião da Borborema e Microrregião do Seridó Oriental Paraibano a $06^{\circ} 38' 34''$ de latitude Sul e $36^{\circ} 15' 14''$ de longitude Oeste, (Figura 1).

Figura 01: Mapa da localização do município de Baraúna – PB



Fonte: SILVA, Adenilsa da. CAVALCANTE, José Ramos. Qgis - 2016.

A escola foi fundada em 1978, porém não tinha um prédio próprio para seu funcionamento, tendo parte das aulas ministradas no prédio pertencente à Escola Estadual e outra parte no Mercado Público Municipal, permanecendo assim até 1979, quando foi construída sua própria sede. O projeto de construção da escola foi elaborado pelo então prefeito de Picuí – PB, Severino Pereira Gomes e o vereador Francisco Gomes da Silva, pois na época as terras baraunenses ainda eram distrito do citado município. Inicialmente, contava com apenas quatro salas de aulas e funcionava nos turnos da manhã, com a primeira fase do Ensino Fundamental, e a tarde, com a segunda fase, sob a direção de José Francisco dos Santos o qual residia em Picuí.

Com o passar do tempo, ela foi sendo ampliada e atualmente conta com 12 salas de aula, diretoria, secretaria, sala dos professores, laboratório de informática, cozinha, biblioteca,

banheiros (masculino e feminino) e pátio coberto. E ainda possui recursos como, TV, aparelho de DVD e de som, data show, mapas de diversos tipos, computadores e impressoras. Funciona nos três períodos: matutino, vespertino e noturno, sendo que pela manhã com o Fundamental I, do 1º ao 5º ano. À tarde, com o Fundamental II, do 6º ao 9º Ano, e a noite com o EJA também do 6º ao 9º Ano. No geral, a escola (Figura 2) conta com uma infraestrutura adequada e acessibilidade para alunos com deficiências físicas. Porém, o prédio não é murado, o que acaba gerando consequências negativas para o desenvolvimento das aulas, como o barulho urbano e conversas entre alunos que estão na sala de aula e pessoas que passam na calçada. A questão é difícil de ser resolvida, uma vez que, não há espaço para a construção de um muro em seu entorno.

Figura 02: Frente da E. M. E. F. Felipe Rodrigues de Lima



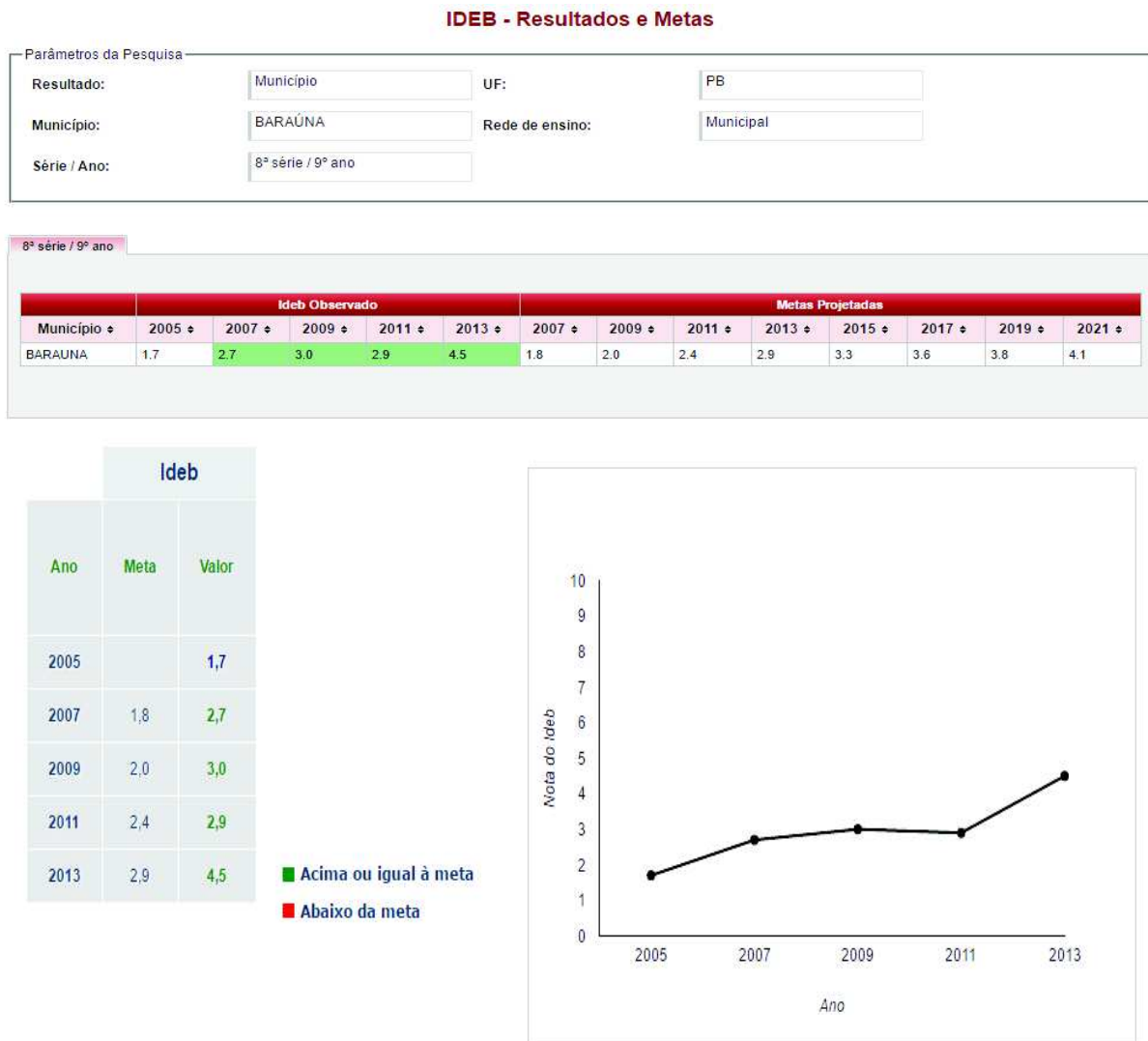
Fonte: SILVA, Adenilsa da. Pesquisa de Campo - 2016

Sobre o Projeto Político Pedagógico, segundo o diretor a escola não possui, porém está em fase de construção, e por tal fato, ainda não foi disponibilizado para pesquisa. Possui 60 funcionários divididos nos três turnos. Quanto à gestão escolar, esta vem sendo conduzida por Uziel Souto dos Santos há oito anos, o qual administra com firmeza, comprometimento, dedicação e competência, sendo bastante elogiado tanto pelos professores quanto pelos funcionários e pelos próprios alunos. A parte da tarde possui 20 professores distribuídos nas diversas disciplinas que compõem o currículo escolar. A escola possui parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, desenvolvendo, periodicamente, campanha contra as drogas,

doenças diversas e ainda festejos culturais, envolvendo a comunidade escolar e a população local.

De acordo com os dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB, que avalia a qualidade do aprendizado e estabelece metas para melhorar o ensino em todo o Brasil, variando de zero a dez, a Escola Felipe Rodrigues de Lima, de 2005 a 2013, encontrava-se acima da média prevista em relação aos anos finais do ensino fundamental, como mostra o gráfico a seguir:

Figura 03: Gráfico referente ao IDEB da escola – 2005 a 2013



Fonte: <http://idebescola.inep.gov.br/ideb/escola/dadosEscola/25043846>. Acesso em: Abril/2016 Adaptado por: SILVA, Adenilsa da. Pesquisa de Campo - 2016

Como pode se perceber, a referida escola, em 2013 alcançou a média de 4,5 ultrapassando as metas previstas até 2021, que é de 4,1. Com esse indicativo é possível refletir sobre a qualidade educacional e buscar ainda mais melhorias a serem desenvolvidas na instituição contando com a colaboração de todos os professores, principalmente das

disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, pois é a partir destas que são feitas as avaliações que verificam o desempenho dos alunos do 9º Ano nas escolas brasileiras.

4 ANÁLISE DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NAS AULAS DE GEOGRAFIA DO 9º ANO NA E. M. E. F. FELIPE RODRIGUES DE LIMA, BARAÚNA - PB

Para a realização deste trabalho, utilizou-se como base uma revisão bibliográfica, a qual forneceu os subsídios necessários a partir do pensamento de diversos autores, em seguida partiu-se para a pesquisa de campo, através da aplicação de questionários com alunos da fase final do ensino fundamental e o professor correspondente da disciplina de Geografia. A pesquisa foi executada com 12 alunos escolhidos aleatoriamente nas turmas do 9º Ano “A e B” do período da tarde da Escola Municipal de Ensino Fundamental Felipe Rodrigues de Lima em Baraúna – PB.

De acordo com as informações coletadas através de um questionário contendo 11 perguntas (Apêndice A), o professor de Geografia, J. S. de S. Lima possui graduação em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG e leciona há menos de seis meses. Quando perguntado se gosta de sua profissão, afirmou que sim, pois “é gratificante ver que os alunos gostam de suas aulas”. Com isso, responde, positivamente, também a pergunta se os alunos gostam e se sentem motivados a participarem de suas aulas, o que posteriormente foi confirmado como os próprios alunos. Pode-se perceber que quando há uma boa relação entre professor e alunos a aula ocorre de forma prazerosa e motivante, o que ocasiona em uma melhoria na questão do ensino-aprendizagem.

Quanto ao uso de novas tecnologias, afirma que utiliza em suas aulas: computador, projetor, slides, dentre outros. Afirma ainda, que em suas aulas o que mais utiliza são: estudo de mapas, filmes, livro didático, aulas expositivas, trabalhos em grupos e provas. Assim, é notável que sua metodologia não persiste no método tradicional, presa apenas ao livro didático, o qual é de suma importância, mas que não deve ser o único recurso utilizado, bem como apenas aulas expositivas sem a participação dos alunos, mas sim, que suas aulas são dinâmicas envolvendo diversos recursos que se utilizados de forma correta auxiliam positivamente nesse processo.

Sobre a realização de aulas de campo com os alunos, o professor de Geografia relata: “ainda não tive oportunidade de realizar aulas de campo, mas pretendo”. O motivo pode estar

no pouco tempo em que este leciona na escola, porém reconhece a sua importância, para que os alunos possam acompanhar na prática os conteúdos abordados em sala de aula.

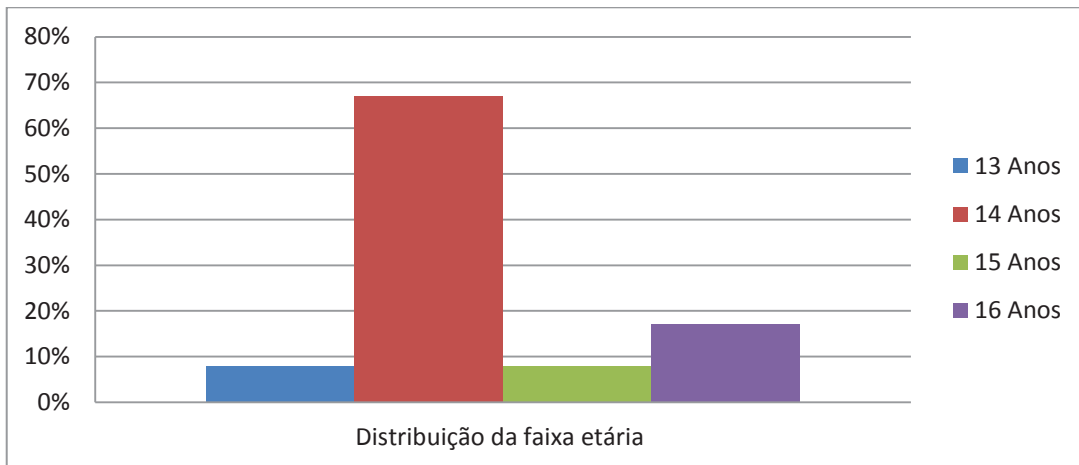
Em relação às maiores dificuldades ou desafios em lecionar Geografia, aponta a indisciplina na escola e a falta de recursos didáticos. Sobre a indisciplina escolar, esta é quase um consenso entre os professores atualmente, não só de Geografia, mas em todas as disciplinas, seja por consequências afetivas, como problemas familiares, ou mesmo pelo desinteresse e falta de vontade em estudar. Quanto à falta de recursos didáticos, a escola dispõe de diversos equipamentos, porém a quantidade é insuficiente para atender a todos os professores em um mesmo turno e por vezes, é preciso fazer o pedido de reserva para o horário a ser utilizado. Com isso, acaba deixando o planejamento da aula limitado comprometendo o desenvolvimento do ensino.

Por fim, foi questionado ao professor J. S. sobre a frequência que planeja suas aulas, respondendo que planeja a cada aula e por bimestre. Dessa forma, é possível melhorar a qualidade do ensino, pois é no planejamento que o professor traça e organiza metas a serem cumpridas e desenvolvidas no decorrer da aula. Para tanto, é necessário pesquisar os conteúdos em diversas fontes, para que o professor tenha um campo amplo de conhecimento sobre o assunto, pois se houver perguntas feitas pelos alunos, vai ter segurança ao responder. Porém, o plano de aula deve ser flexível, pois podem ocorrer acontecimentos inesperados na execução da aula e é essencial estar preparado para diversas circunstâncias, bem como é preciso dar ênfase a multiplicidade do alunado, pois nem sempre todos vão está no mesmo ritmo de entendimento do conteúdo.

O planejamento também é importante para despertar a criatividade do professor em ministrar aulas mais dinâmicas contando com a participação dos alunos, pois ao mesmo tempo em que pode ensinar é possível também aprender, tornando a sala de aula um lugar de troca de conhecimento e de aprendizado coletivo.

Em relação aos dados coletados com o questionário dos alunos (Apêndice B), foram feitas 10 perguntas fechadas com amostragem de 12 alunos, sendo seis do 9º “A” e seis do 9º “B”, de um universo de 78 alunos referentes às duas turmas. A primeira questão foi sobre a idade do aluno (Figura 4), para que se possa verificar se o mesmo encontra-se na faixa etária equivalente a série cursada.

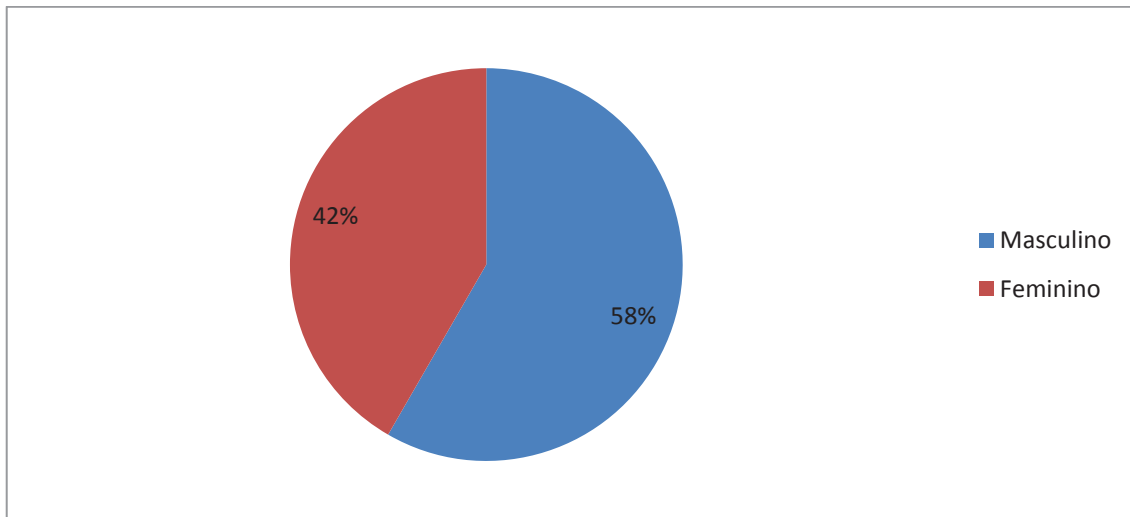
Figura 04: Percentual da faixa etária dos alunos que compõem o 9º Ano



Fonte: SILVA, Adenilsa da. Pesquisa de campo – 2016

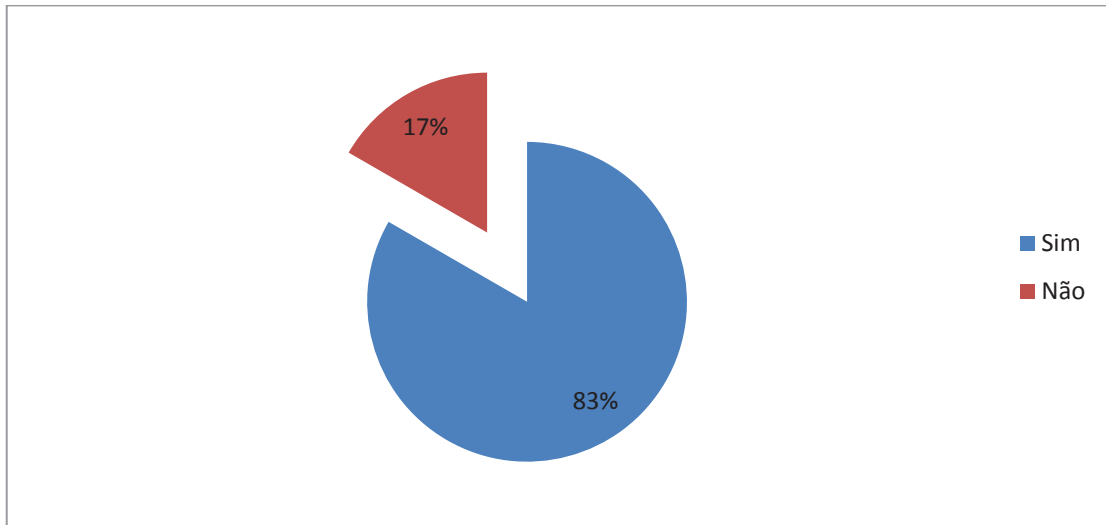
De acordo com os dados mostrados no gráfico, dos 12 alunos pesquisados, 67% tem 14 anos. Apenas 17% tem 16 anos, 8% com 13 anos e outros 8% com 15 anos. A partir dos dados pode-se perceber que 83% dos alunos encontra-se na faixa etária adequada a série estudada. Sendo este um ponto positivo para a escola, uma vez que no Brasil há um grande número de alunos fora da idade correspondente para a série em que estuda. A segunda pergunta veio identificar sobre o gênero dos alunos (Figura 5), onde pode-se constatar que a maioria é do sexo masculino, 58%, e 42% são do sexo feminino.

Figura 05: Percentual dos alunos através do gênero



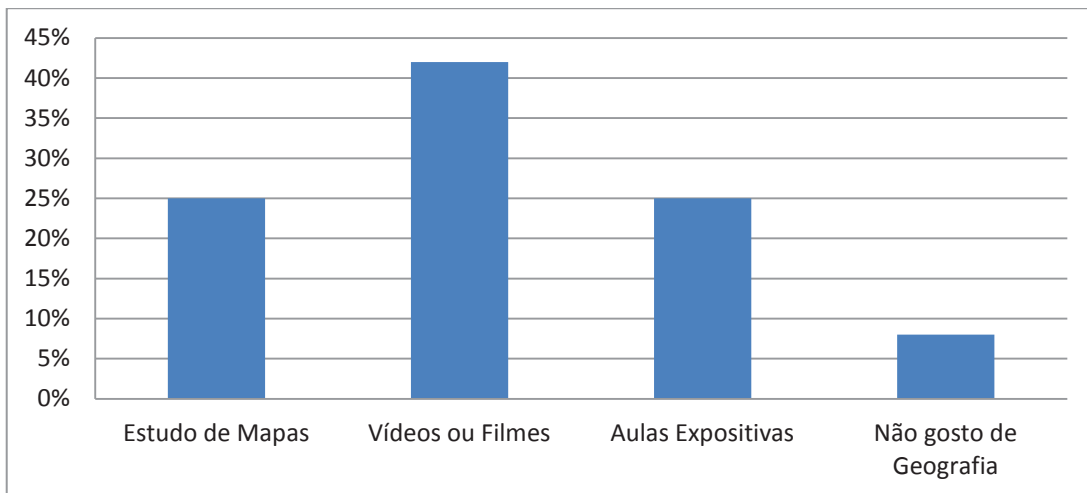
Fonte: SILVA, Adenilsa da. Pesquisa de Campo - 2016

A questão 3 revela se os alunos gostam ou não de Geografia (Figura 6), sendo esta de tamanha importância para a pesquisa, pois a partir das respostas é possível identificar se os alunos estão interessados, ou não, pela disciplina, constatando que 83% gostam de Geografia e apenas 17% não gostam.

Figura 06: Percentual de interesse dos alunos pela disciplina de Geografia

Fonte: SILVA, Adenilsa da. Pesquisa de campo – 2016.

O gráfico seguinte (Figura 7) mostra o que os alunos mais gostam nas aulas de Geografia, tendo como opção de escolha o estudo de mapas, vídeos ou filmes sobre o conteúdo, exercícios, aulas explicativas, não gosto de Geografia e ainda escrever outra opção que não estaria dentre as mencionadas.

Figura 07: O que os alunos mais gostam nas aulas de Geografia

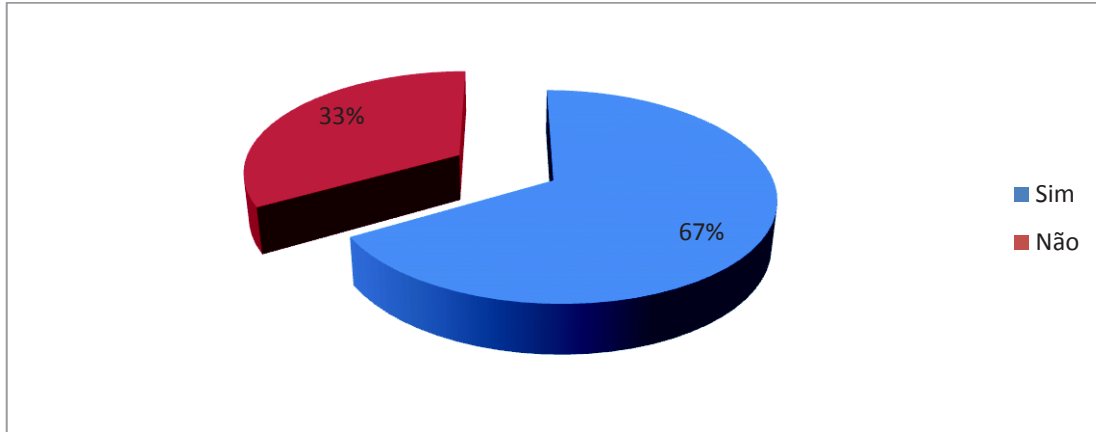
Fonte: SILVA, Adenilsa da. Pesquisa de campo – 2016

Através do gráfico, percebe-se que a maioria, 42% alunos, preferem aulas com vídeos ou filmes; 25%, estudo de mapas; 25%, aulas expositivas, debatendo o assunto com o professor; e 8% não gostam de Geografia. Ou seja, só as aulas expositivas sem atrativos não chamam mais a atenção dos alunos, sendo assim, é preciso reinventar o ensino adequando as exigências contemporâneas, com recursos variados.

No que se refere ao uso de tecnologias pelo professor na sala de aula (Figura 8), 67% apontam que ele as utiliza enquanto que 33% afirmam que não. Nesse caso, há uma

divergência entre a resposta dos alunos e a do professor, pois o mesmo afirma que faz uso das mesmas e parte dos discentes atestam que não.

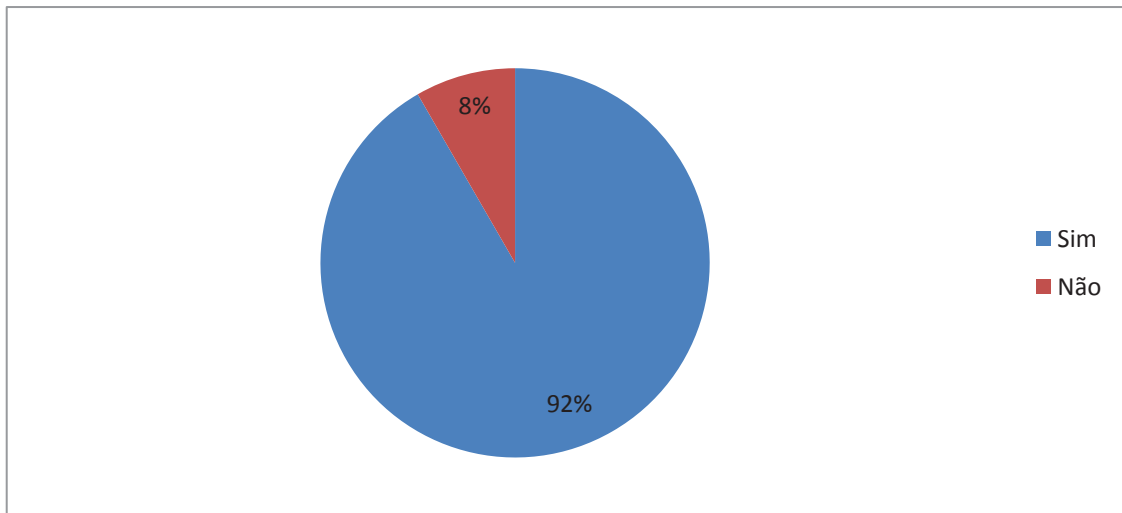
Figura 08: O professor utiliza recursos tecnológicos nas aulas



Fonte: SILVA, Adenilsa da. Pesquisa de campo – 2016

Em relação a participação na aula (Figura 9), 92% dos alunos afirmaram participar e apenas 8% que não participam. A participação citada não se refere apenas ao aluno estar em sala de aula, e sim, que este debata o assunto junto ao professor e os colegas presentes, tirando dúvidas ou mesmo dando sugestões. Dessa forma, a aula torna-se mais dinâmica e proveitosa, uma vez que aulas em que apenas o professor fala, mas não escuta o discente torna o ensino mecanizado e sem perspectiva.

Figura 09: Percentual da participação nas aulas



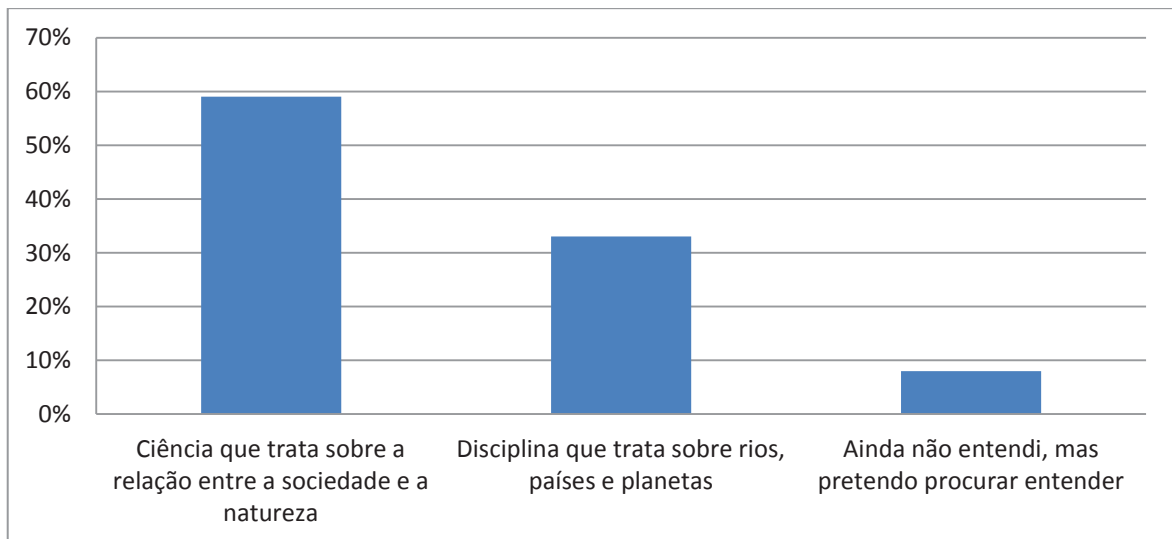
Fonte: SILVA, Adenilsa da. Pesquisa de campo – 2016

Quanto à importância da Geografia na visão dos discentes, 100% dos questionados, ou seja, 12 estudantes, consideram que esta ciência é significativa no seu cotidiano. Esse se faz como um ponto positivo para o desenvolvimento de aulas mais proveitosas e dinâmicas. Desse modo, quando o estudante percebe sua importância torna-se mais fácil a assimilação do conteúdo, bem como tomar uma postura crítica a respeito do estudado. Assim, torna-se

fundamental que o professor incentive seus alunos, para que estes se sintam motivados e dispostos a buscarem ou mesmo aprofundarem seu conhecimento.

A Geografia possui em suas análises cinco categorias: a paisagem, o lugar, a região, o território e o espaço geográfico, sendo este último seu objeto de estudo. Porém, para muitos a Geografia é uma disciplina decorativa e descritiva, não reconhecendo sua importância no cotidiano. A respeito da pesquisa, a situação foi favorável no que se refere ao conceito da Geografia na ótica dos alunos, onde 59% dos entrevistados mostraram-se coerentes com a definição da ciência geográfica como o estudo sobre a relação entre a sociedade e a natureza, porém, 33% tratam como uma disciplina sobre rios, países e planetas e 8% ainda não entendem o que seja a Geografia, mas que pretende entender, como mostra o gráfico a seguir:

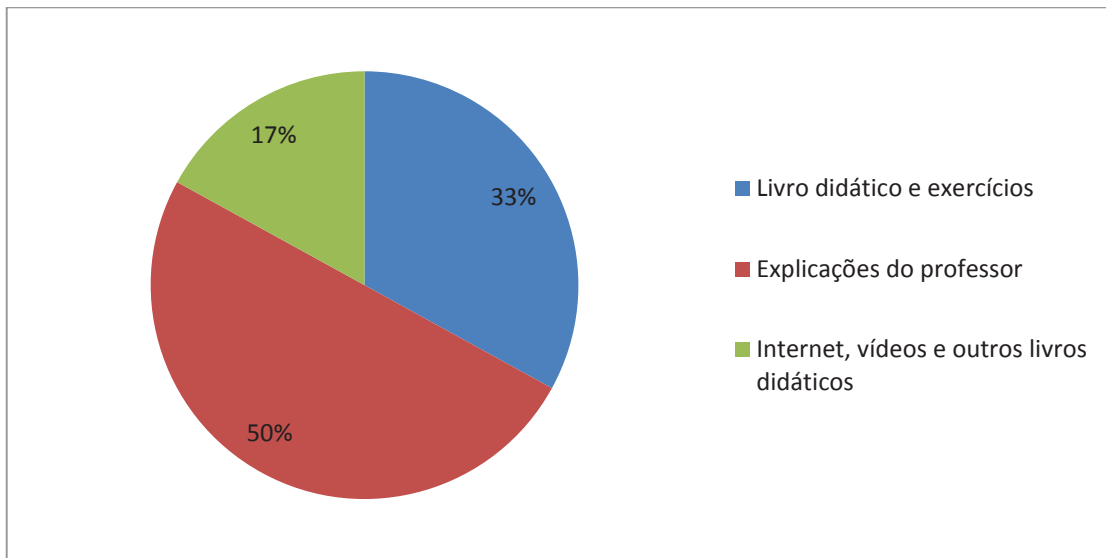
Figura 10: Percentual do entendimento da disciplina



Fonte: SILVA, Adenilsa da. Pesquisa de campo – 2016

Em relação à avaliação, a prova ainda é um recurso bastante comum entre os professores. A partir dela pode-se ter uma base ou uma média do que o aluno tenha aprendido ou assimilado em relação às aulas ministradas. Porém, é discutível seu valor em relação a qualidade, já que para muitos a prova é mais uma questão quantitativa, sem levar em consideração o real entendimento do aluno em relação ao que foi lhe passado. Nesse contexto, o gráfico seguinte (Figura 11), aborda como o aluno se prepara para uma prova de Geografia:

Figura 11: Recursos utilizados pelos alunos na preparação para as avaliações



Fonte: Pesquisa de campo – 2016

Pode-se observar que, 50% da turma, responde a prova a partir da atenção nas explicações do professor durante a aula; 33% pelo livro didático e exercícios propostos e outros 17%, por meio da internet e outros livros didáticos.

A partir dos dados coletados foi possível notar que boa parte dos alunos gostam da disciplina de Geografia, reconhecendo sua importância no dia a dia, porém se sentem desmotivados e desinteressados a assistirem as aulas, embora que mantenham uma boa relação com o professor e este utilize de várias estratégias a fim de chamar sua atenção, como filmes e vídeos. Por vezes, a falta de motivação do aluno, acaba gerando a indisciplina escolar, como conversas e desordem, trazendo consequências negativas para o processo de ensino e aprendizagem, como a reprovação do discente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto atual da realidade vivenciada no Brasil, diante das transformações ocasionadas pela globalização, é imprescindível que a Geografia acompanhe esse processo e que as universidades e instituições de ensino superior estejam atentas na formação de professores capacitados a atuarem nas escolas. Pois, o ensino tradicional já não é mais suficiente para integrar o meio escolar, uma vez que a tecnologia está cada vez mais presente na vida do aluno e se fazendo mais atraente que a escola. É necessário adotar novas estratégias e metodologias a fim de chamar a atenção do alunado para uma melhor compreensão do conteúdo e oferecer subsídios para que este possa adaptar a sua realidade e ao seu dia a dia.

Para tanto, é essencial que o professor seja também um pesquisador, sempre atualizando a sua formação e buscando solucionar os desafios impostos na prática pedagógica, os quais não são poucos, mas que contando com a colaboração de toda comunidade escolar é possível superá-los ou amenizá-los. É essencial ainda, que o Poder Público possa melhorar as condições de trabalho nas escolas, dispondo de mais recursos didáticos e garantir que a educação seja acessível e de qualidade para todos.

Ao aluno, é de fundamental importância que este reconheça também o seu papel na escola, não tratando esta como um lugar de apenas fazer amizades, mas como um espaço de aprendizagem, colaborando, interagindo e contribuindo para aulas mais participativas e dinâmicas. Que este entenda que a aprendizagem não depende unicamente do professor, mas de sua força de vontade em buscar o conhecimento e encontre na escola o suporte necessário para o alcance de seus objetivos. Da mesma forma, a família também deve contribuir com a escola, participando ativamente, incentivando e fiscalizando o comportamento do discente. Bem como, deve-se entender que é da família que deve partir a educação e que a escola é responsável por aperfeiçoá-la ao contexto social.

Espera-se que com esta pesquisa professores, alunos e a família reconheçam seus papéis na escola e busquem contribuir de forma positiva para a melhoria da educação, pois esta se constrói de forma coletiva, com a participação de todos. É preciso a formação de cidadãos críticos, que assimile o que foi visto em sala de aula à sua realidade, sabendo, pois, que a Geografia se faz de suma importância para o alcance de tal objetivo.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história e geografia / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental – 3 ed. – Brasília: A Secretaria, 2001.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade.** In: REGO, N.; _____, A. C.; KAERCHER, N. A. (Orgs.) **Geografia: práticas pedagógicas para o Ensino Médio.** Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FARINA, B. C.; GUADAGNIN, F. **Atividades práticas como elementos de motivação para a aprendizagem em geografia ou aprendendo na prática.** In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (Orgs.) **Geografia: práticas pedagógicas para o Ensino Médio.** Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa.** 4. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 20. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo.** São Paulo: EPU, 1986.
- PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência.** Selma Garrido Pimenta, Maria do Socorro Lucena Lima; revisão técnica José Cerchi Fusari. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- PUNTEL, Geovane Aparecida. **Os mistérios de ensinar e aprender Geografia.** In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (Orgs.) **Geografia: práticas pedagógicas para o Ensino Médio.** Porto Alegre: Artmed, 2007.
- VESENTINI, José William. **Realidades e perspectivas no ensino de Geografia no Brasil.** In. VESENTINI, José William (Org.). **O ensino de Geografia no século XXI.** Campinas: Papirus, 2004.
- VLACH, Vânia Rubia. **O ensino de Geografia no Brasil: uma perspectiva histórica.** In. VESENTINI, José William (Org.). **O ensino de Geografia no século XXI.** Campinas: Papirus, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário aplicado ao professor de Geografia do 9º Ano

Eu, **Adenilsa da Silva**, estou desenvolvendo uma pesquisa acadêmica, no Curso de Licenciatura Plena em Geografia da UEPB com fins à elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Para isso, solicito a colaboração de pessoas entendidas no assunto. Conto com sua colaboração para que eu possa compreender melhor o processo de ensino-aprendizagem em Geografia.

QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR

- 1) Nome: _____
- 2) Sexo: () Masculino () Feminino
- 3) Há quanto tempo leciona Geografia? _____
- 4) Qual a sua formação? Qual instituição? _____
- 5) Você utiliza novas tecnologias em suas aulas?
() Não () Sim. Quais? _____
- 6) Você realiza aulas de campo com seus alunos?
() Sim () Não
- 7) Você gosta de sua profissão? Por quê?
() Sim () Não
- 8) Os alunos gostam e se sentem motivados a participarem das aulas?
() Sim () Não
- 9) Quais as maiores dificuldades ou desafios em lecionar Geografia?
() Falta de motivação dos alunos em assistirem as aulas de Geografia;
() Indisciplina na escola;
() Falta de recursos didáticos;
() Outros: _____
- 10) O que mais utiliza em suas aulas?
() Estudo de mapas; () Filmes; () Livro didático; () Aulas expositivas;
() Trabalhos em grupo; () Provas; () Outros: _____
- 11) Com que frequência planeja suas aulas?
() A cada aula;
() Mensalmente;
() Por bimestre;
() Não costumo planejar minhas aulas.

APÊNDICE B – Questionário aplicado aos alunos do 9º Ano

Eu, **Adenilsa da Silva**, estou desenvolvendo uma pesquisa acadêmica, no Curso de Licenciatura Plena em Geografia da UEPB com fins à elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Para isso, solicito a colaboração de pessoas entendidas no assunto. Conto com sua colaboração para que eu possa compreender melhor o processo de ensino-aprendizagem em Geografia na turma do 9º Ano.

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

- 1) Idade: _____
- 2) Sexo: () Masculino () Feminino
- 3) Você gosta das aulas de Geografia?

() Sim () Não
- 4) O que você mais gosta nas aulas de Geografia?

() Estudo de mapas. () Vídeos ou filmes sobre o conteúdo.

() Exercícios. () Aulas explicativas.

() Não gosto de Geografia.

() Outros: _____
- 5) O (a) professor (a) realiza aulas de campo?

() Sim () Não
- 6) O (a) professor (a) usa tecnologias nas aulas de Geografia?

() Sim () Não
- 7) Costuma participar das aulas de Geografia?

() Sim () Não
- 8) Você acha que a Geografia é importante no seu cotidiano?

() Sim () Não
- 9) O que você entende por Geografia?

() Uma ciência que trata sobre a relação entre a sociedade e a natureza;

() Uma disciplina que trata sobre rios, países e planetas;

() Ainda não entendi o que é Geografia e nem pretendo entender;

() Ainda não entendi, mas pretendo procurar entender.
- 10) Como você costuma estudar para uma prova de Geografia?

() Pelo livro didático e exercícios passados na aula;

() Prestando atenção nas explicações do professor durante a aula;

() Pela internet, assistindo vídeos sobre o assunto ou por outros livros didáticos;

() Não estudo, e na hora da prova peço cola aos colegas ou deixo a prova em branco.